

O GLOBO

20 DEZ 1991

Estudo indica que 1991 só não será pior do que 1987

SÃO PAULO — O ano de 1991 só não será pior do que o de 1987, em termos de dificuldades para as empresas, conseguirem saldar seus compromissos com pontualidade, principalmente as localizadas em São Paulo. Naquele ano, às vésperas do Plano Bresser, a alta dos juros reais — em decorrência da euforia do Plano Cruzado — criou situações de inadimplência comparáveis somente às dos últimos meses. Estas considerações constam do relatório divulgado ontem pelo banco de informações Serasa, sobre falências, concordatas e protestos no país, de empresas e de pessoas físicas.

Até novembro, a quantidade de protestos em nível nacional, cresceu 21% em relação ao mesmo período do ano passado — passando de 3,4 milhões para 4,1 milhões de títulos — porém, o valor real protestado recuou em 42,69%. Segundo Elcio Aníbal de Lucca, presidente da Serasa, estes dados comprovam forte recessão. Para ele, "a crise atual pode até ser considerada mais aguda justamente em razão desse detalhe". Em dólar, pegando o valor médio de cada período, os protestos este ano chegaram a US\$ 1,9 bilhão, contra US\$ 3,3 bilhões em 1990 (até novembro).

Outro dado interessante da pesquisa é o fato de o número de

inadimplência ter crescido de forma localizada — em São Paulo. Enquanto em todas as regiões do país os pedidos de falências e concordatas até descerceram, entre os paulistas os requerimentos cresceram: 95% nos primeiros 18 dias de dezembro sobre o mesmo período do ano passado, segundo dado mais recente da Serasa, pulando de 20 para 39 requerimentos. Em outras capitais, houve queda nos números.

— Há uma explicação para isso: a recessão atinge mais profundamente o coração da atividade econômica, que é São Paulo, responsável por 40% do Produto Interno Bruto (PIB) — argumentou de Lucca.

● **FALÊNCIA** — A Casa do Esportista, tradicional empresa da cidade especializada na venda de roupas e artigos esportivos, pediu concordata ontem na 32ª Vara Cível de São Paulo. Reestruturada no final de maio deste ano, a companhia se transformou em holding para abrigar a SP Esportes, voltada ao público masculino e oferecendo produtos mais baratos. Seu presidente, Jeffrey Haigh, tinha planos de ampliar os negócios, mas esbarrou nas taxas altas de juros e em problemas com o fornecimento de mercadorias.